

“La ciencia, en tanto estimación del conocimiento, no puede tener una ética, pero quién ha visto una ciencia aislada, solo, dando vueltas por ahí? La ciencia existe en los investigadores, en la comunidad científica, estos si deben tener una ética”. Estas palavras, de Nicanor Ursúa, epígrafe de um dos capítulos, servem muito bem para chamar a atenção da obra que ora apresentamos.

Sabe-se que os problemas éticos se agravaram ou, pelo menos, tornaram-se mais complexos, a partir do momento em que os constantes progressos da biotecnologia passaram a permitir a manipulação do código genético. Isso, atingindo, evidentemente, o ser humano. A Genética, enquanto ciência teve um grande desenvolvimento, abrindo enormes possibilidades para o progresso (no mundo animal e no vegetal), mas, é bom que se diga: criou grandes riscos para o homem e a natureza. Essa constatação fez reacender o debate, especialmente nos últimos anos.

O livro em questão oferece subsídios interessantes para a discussão de problemas da Bioética. O termo é de cunho recente, nascido no meio anglo-saxão, e acolhido de modo favorável em outras áreas lingüísticas, uma vez que os avanços científicos e tecnológicos, as mudanças operadas no conceito de saúde e prática médica, bem como as mudanças nas concepções deontológicas passaram a reclamar uma nova abordagem, de metodologia interdisciplinar.

As opiniões sobre o assunto são diversificadas e, por envolverem a participação de geneticistas, biólogos, médicos, psicólogos, sociólogos, teólogos, filósofos, etc, é inevitável que um tema como

DE BONI, L. A de; JACOB, G.  
e SALZANO, F. **Ética e Genética**.  
Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998  
(Coleção “Filosofia”). 299p.

esse teria de ser tratado de modo interdisciplinar. Desse modo, é bom que se acuse a origem da obra. Trata-se de um esforço comum de três entidades, de reconhecida seriedade, no sul do país: o Instituto Cultural Brasileiro-alemão (ICBA), o Instituto Goethe e a Associação dos Ex-bolsistas na Alemanha. Cabe a essas entidades organizar um colóquio sobre Ética e Genética, que teve lugar, de 2 a 6 de outubro de 1995. Especialistas das áreas acima citadas, vindos de universidades da Alemanha (Ulrich Beck, sociólogo, Elisabeth Beck-Gersheim, psicóloga e Ernst-Ludwig Winnacker, biotecnólogo – da Universidade de Munique; Ludger Honnefelder, filósofo e teólogo – da Universidade de Bonn; Jörg Schmidtke, geneticista – da Faculdade de Medicina de Hannover) e do Brasil (Joaquim Clotet, filósofo – da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Oswaldo Frota-Pessoa, geneticista – da Universidade de São Paulo e Francisco Mauro Salzano, geneticista – da Universidade Federal do Rio Grande do Sul) encontraram-se na capital gaúcha. O livro reproduz as palestras, obedecendo a ordem da programação do encontro. Tentou ser fiel ao bom estilo acadêmico, oferecendo a tradução para o português (feita por profissionais não especialistas nas respectivas áreas, mas tendo a revisão dos editores) e o texto original em alemão. Apenas não foram reproduzidos os debates, que imaginamos terem sido acalorados, dada a candência do tema. É bom observar que os editores tiveram o cuidado de reproduzir o prefácio nas duas línguas.

A primeira participação é de J. Clotet, e vale a pena citar, de início, a sua

pertinente observação: “Aproveito a ocasião para denunciar o uso errado, infelizmente muito generalizado, no linguajar comum. Fala-se, por exemplo, em ‘conduta antiética’ ou em ‘pessoa ética’, quando deveria dizer-se ‘conduta eticamente errada’ ou ‘pessoa eticamente correta’ (p. 17). Sua grande contribuição, acreditamos, está em levantar sérios questionamentos, tendo, como ponto de partida, a pergunta: “Em que medida o bem da humanidade é mais atingido com novas formas de vida, através da engenharia genética?” A resposta dada a essa pergunta tem respaldo no tratamento dado por R. McCormick, em seu artigo *Genetic technology and our common future*, na obra **The critical calling** (Washington: Georgetown University Press, 1989, p. 261-272.

A segunda participação é a do Dr. Beck, na qual, embora ressalte a necessidade do tratamento interdisciplinar do problema, procura restringir-se à sua área, apontando, inclusive, para o dilema do sociólogo: ao mesmo tempo em que depende da implementação de técnicas para poder investigar conseqüências de determinados fatos sociais, sente a ameaça do avanço dessas técnicas. Conclui sua abordagem com os problemas levantados pela legitimação histórica da genética humana. E não atribui tal problema apenas aos cientistas e à ciência e, sim, à sociedade como um todo que, muitas vezes, se omite na discussão da possibilidade dessa efetivação. Sua preleção termina de um modo contundente: “Se nós nos avaliássemos simplesmente em termos realistas, se vissemos quantas vezes já nos enganamos e haveremos de nos enganar no futuro,

poderíamos aprender – para retomar aqui um termo de Hans Jonas – a lidar de forma cuidadosa e cautelosa com o todo sensível da criação, afetado pela pesquisa e terapia genéticas” (p. 62).

A terceira participação, do Dr. Ludger Honnefelder, tem como título “Genética humana e dignidade do homem”. Acena, inicialmente, para novas possibilidades da conquista da ciência e, também, para os novos problemas, para, logo a seguir definir o que se entende por “dignidade humana”. É bastante didático ao dissertar sobre o critério da natureza humana, apontando cinco pontos fundamentais, a saber: a) a condição humana como lei estrutural fundamental de natureza antropológica; b) a natureza humana como marco para o desdobramento da pessoa; c) vida como valor fundamental; d) direito do homem à naturalidade da sua origem: genoma e pessoa; e) intervenções parciais no genoma: terapia genética. Idêntica postura assume, ao terminar sua exposição, apontando para os critérios da auto-compreensão humana.

Oswaldo Frota-Pessoa é o encarregado da quarta participação que, inicialmente, chama a atenção para os conceitos de raça e eugenia, deturpados pela paixão política. Embora esquemática, suas considerações sobre a ética da pesquisa são de grande importância. Ele leva, como não poderia deixar de ser, essa questão para os órgãos financiadores de pesquisa. Isso é importante, pois a pesquisa envolve não apenas quem a efetua, mas inclui os órgãos ou entidades que a facilitam. Em outras palavras, tem dimensão social.

Jörg Schmidtke, na quinta intervenção, discorre sobre “A quem pertence o genoma?” Não considera o genoma humano o “Santo Gral” da biologia, mas chama a atenção para que se considere “uma propriedade extremamente valiosa”. E identifica-se como quem considera o genoma humano, enquanto “identificador” da espécie *homo sapiens*, propriedade pública; enquanto cerne da intimidade biológica, “a mais preciosa propriedade biológica privada” e, por fim, enquanto elemento que transmite relações entre as pessoas (palco de decisões reprodutivas), campo de testes para o controle social. E alerta para o perigo de se intervir onde os direitos pessoais correm o risco de serem prejudicados (p. 176).

Francisco M. Salzano e Lavinia Schüller dividem a responsabilidade de apresentação do sexto capítulo da obra: “Questões éticas em genética humana”. Trata-se de um texto difícil de resumir, dada a densidade dos problemas tratados e a interação de duas pesquisas. Uma, já concluída, estabelecendo comparação cultural entre Brasil e Alemanha, e outra, em andamento, conduzida por uma equipe internacional. Os quadros estatísticos da pesquisa realizada ajudam a compreender determinados vetores no que concerne à posição dos cientistas e os problemas éticos.

O próximo trabalho, de autoria do Dr. Ernst-Ludwig Winnacker, trata do permitido e do não permitido na prática do cientista. Em outras palavras, do justo e do injusto nas objeções atuais à engenharia genética na ótica de um cientista. As questões levantadas, de forma lúcida, assinalam uma bem-construída pertinência. O que fica é a inquietante interro-

gação com que a intervenção termina: como a ciência consegue viver de acordo com a máxima de que não é o homem que deve servir à genética e, sim, a genética que deve servir ao homem?

Diagnóstico genético e terapia genética são o centro de discussão da última intervenção, a cargo da Dra. Elisabeth Beck-Gernsheim. O capítulo tem como título a inquietante interrogação: "Tem razão quem cura?" Outras interrogações são levantadas, ao longo do texto: em que grau podemos esperar chances de cura da tecnologia genética? Qual o significado de cura? Problemas complexos de ordem moral são levantados, a saber: como a jurisprudência produz coações; os interesses econômicos que envolvam a minimização do risco e a economia de custos; os efeitos colaterais, etc. A autora reconhece: "o tema da técnica genética é demasiado difícil, contém perguntas, dilemas, conflitos decisórios em demasia" (p. 274). Mas o grande problema, como reconhece a autora, não é o fato de se perguntar se a técnica genética é "boa" ou "ruim" e, sim, se resta tempo aos cientistas para tais ponderações.

Como observa o Dr. Hartmut Becher, no prefácio, desde Hiroshima sa-

bemos que há limites éticos para o desenvolvimento da ciência. Determinar, contudo, esses limites é o grande problema. Ao terminar a leitura, embora, ao longo do livro, prevaleça o consenso dos participantes de que a ciência deve possuir limites éticos, fica a interrogação: será que os cientistas e as comunidades científicas estão interessadas por tais limites? A resposta clara e definitiva certamente não virá tão cedo. Estamos tocando o problema dos direitos fundamentais: de um lado, os do pesquisador que tem obrigações para com a sociedade e é por ela cobrada no que se refere à produção científica; do outro, os da própria sociedade, que tem o dever de manifestar-se sempre crítica em relação aos progressos da ciência.

Uma observação final. O encontro realizou-se em 1995. A edição é de 1998. Supomos que o processo de tradução, revisão e ordenamento do material tenha consumido um bom tempo dos editores. Contudo, uma obra dessa natureza merecia publicação mais rápida. Embora, alguém tenha o direito de replicar, imediatamente, a quem escreve estas linhas: por que só agora a resenha?

Paulo de Góes